

PERCURSOS DE SEDUÇÃO E DE CONQUISTA - TRADUÇÃO E
REFORMULAÇÃO EM A CASA VERDE*

MARIA NAZARETH SOARES FONSECA**

RESUMO

Este estudo propõe avaliar no romance A casa verde de Vargas Llosa os sentidos da tradução textual tomada como verbalização do desejo de resguardar a relação do texto com um referente historicamente constituído. Definidos os percursos da sedução e da conquista tanto na relação entre texto e leitor quanto na estrutura significante do romance, recupera-se a estória da conquista da América e a busca de sua identidade.

RÉSUMÉ

Cette étude a comme but l'analyse dans le roman A casa verde, de Vargas Llosa, les sens de la traduction textuelle, considérée comme verbalisation du désir de sauvegarder le rapport du texte avec un référent historiquement constitué. Tout en définissant les parcours de la séduction et de la conquête - aussi bien dans le rapport entre le texte et le lecteur que dans la structure signifiante du roman - nous essayons de récupérer l'histoire de la conquête de l'Amérique et la quête de son identité.

* Trabalho apresentado no Curso de Doutorado em Letras, na disciplina "Literatura Comparada: a tradução", sob a orientação dos Professores Eneida Maria de Souza e Lauro Belchior Mendes. Uma versão simplificada do mesmo trabalho foi apresentada na Mesa-redonda "Leituras de A casa verde", no 2º Simpósio de Literatura Comparada, realizado em Belo Horizonte, de 20 a 24 de out. de 1986.

** Professora de Teoria da Literatura da FALE/UFMG.

"C'est bien la conquête de
l'Amérique qui annonce et fonde
notre identité présente."

(Tzvetan Todorov)

A fragmentação do texto de A casa verde¹, a ruptura com uma linearidade manifesta são dados que colocam, pelo menos num contato inicial, entraves à apreensão imediata dos diversos níveis de significação do romance de Vargas Llosa. A interação texto-leitor torna-se a meu ver proposta pertinente de abordagem do romance e será a partir dela que discutirei algumas questões que passam pelas formas de recepção do texto e também pela problemática da tradução inscrita no romance. As condições que constroem as possibilidades de sintonia do texto com seus leitores colocam-se como ponto de partida para uma leitura que pretende delinear os percursos da sedução e da conquista tomados como uma intencionalidade latente do texto, apreensível nos vários modos de apreensão de suas estruturas significantes.

Considerando que toda obra traduz em diferentes graus o referente contextual em que se inscreve, o romance de Vargas Llosa coloca-se como expressão de um dado espaço sócio-cultural marginalizado, marcado pelo estigma da inferioridade cultural. É exatamente a diferença entre a cultura hispano-americana e a europeia que permite considerar-se como positivo o fato de a literatura do Novo Mundo — particularmente a escrita em língua espanhola — ter-se colocado como marginal, bastarda, distanciada da norma e do código de valores da referencialidade europeia. Tal fato dá a essa literatura um sentido que se aproxima do que Gilles Deleuze e Félix Guattari chamaram de "literatura menor", procurando caracterizar a literatura que, por exemplo, os judeus em Varsóvia ou em Praga criaram como atitude política, como espaço de rebeldia da expressão de uma minoria racial e política². Considerando especificamente o espaço latino-americano, posso afirmar que a relação vista pelos filósofos mencionados entre os judeus e alemães é a mesma existente entre os povos latino-americanos e a Europa já que a voz da América Latina só se faz ouvir através de uma expressão, que cala as falas locais, as variantes consideradas inferiores. Parece-me que o texto político reverte essa fatalidade. Falando a língua da ordem, a língua da metrópole, esse coloca-se, em -

tretanto, como desvio dessa mesma ordem, como combate à metrôpole e anuncia-se como forma coletiva de expressão. Esse aspecto faz de A casa verde um romance intencionalmente questionador, uma escrita cujo enunciado apresenta-se contaminado pela rejeição à ação colonizadora.

A escrita de A casa verde propõe-se como enigma, tece-se em labirinto e obriga o leitor a retrilhar caminhos, per correr meandros e reconstruir sentidos. Embora tal dificuldade possa inibir a informação completa, percebe-se com nitidez a relação do texto com um referente contextual localizável. O ambiente americano, as terras selvagens do Peru, o descompasso e conômico-social entre regiões de um mesmo país, expõem agressivamente ao leitor um espaço de estranheza que se inscreve como diferença, se relacionado com a referencialidade européia. Nessa instância, o romance de Vargas Llosa assume o valor de tradução³ de um contexto social, como escrita significante que recupera a história da colonização do continente, ao mesmo tempo em que procura afirmar os traços que delineiam a identidade das terras colonizadas.

Uma primeira proposta de abordagem crítica do romance de Vargas Llosa busca, então, vê-lo como tradução de um macro-texto cultural e apreender em sua construção os elementos que reescrevem nele a história da sedução e da conquista da terra e dos homens. A explicitação dos jogos de sedução e conquista, relação entre desejo de possuir (ou de ser possuído) e necessidade de conquistar (ou de ser conquistado) faz com que o romance de Vargas Llosa se ligue a outros textos da literatura hispano-americana os quais, objetivando mostrar o espaço encantado do novo continente, conduzem à percepção de um mundo que se distancia em todos os aspectos do sistema de referências ocidental.

Penso ser pertinente relacionar o romance de Vargas Llosa com o romance de Alejo Carpentier El reino de este mundo⁴ em que fica clara a problematização da narrativa e o intuito de dar ao maravilhoso uma significação política e de desviar a apreensão racionalista da complexidade das terras americanas. Tanto em A casa verde quanto em El reino de este mundo a rebeldia textual, a sua aparente indolência passam pelas questões da conquista da terra e dos homens, particularmente simbolizada pela construção da casa verde, no romance de Llosa, e pela edificação da fortaleza La Ferrière em El reino de este

mundo. Ambas as construções, tomadas como representação de referentes culturais distintos, estabelecem entre elas e a coisa representada uma relação metafórica por espelhamento. Chamo de espelhamento à relação icônica que se estabelece entre o objeto e a sua representação, diferentemente da transposição de sentido que leva a tomar-se uma coisa por outra, que explicita particularmente a metaforização. Assim, a casa verde metaforiza a floresta e, num certo sentido, pode-se dizer que a casa verde é ícone de floresta, já que a sua cor verde, a sua paisagem de floresta, recuperam, por espelhamento, o referente a que se liga. Da mesma forma, no texto de Carpentier, a fortaleza La Ferrière metaforiza o Haiti como nação independente da mesma forma que reproduz, por espelhamento, a colonização francesa. As duas construções apontam para a questão da duplicidade paradoxal do signo como algo que é ele mesmo e um outro a um só tempo. Daí a pertinência de se tomar a casa verde e a fortaleza como símbolos das nações colonizadas, irremediavelmente cópia que se quer original, tradução e texto primeiro paradoxalmente deslocados⁵.

Por outro lado, as duas edificações, passando pela questão do signo, conduzem ao tema do duplo, à inquietante estranheza que nasce da junção de duplo significado num mesmo significante sem que a existência de um anule a presença do outro. O conceito freudiano é usado aqui numa abrangência que extrapola o sentido que tem na teoria psicanalítica⁶. Valho-me dele, entretanto, para tentar explicar as duas construções como um corpo vivo biforme, desconcertante que atrai e amedronta, encanta e ameaça. Como construção singular, desordenada, interminável, num certo sentido, apontam para a estranheza do referente contextual que produziu os romances. As construções trazem, pois, em si uma dupla significação: ao mesmo tempo a concretização de um desejo (de D. Anselmo e de Henry Christophe) e a sua condenação. No desejo de criar e na necessidade de destruir, aparece, escreve-se o percurso da sedução e da conquista, no plano ideológico, como quero sugerir.

Particularmente em A casa verde, sedução e conquista perpassam os vários níveis de significação do romance. Tal constatação me permite considerar que também na interação do texto com o leitor delineiam-se formas de sedução e de conquista, tal como se concebe na relação do conquistador com a terra conquistada: o romance pronto, acabado, apresenta-se ao leitor

como a terra a ser conquistada; seduz o leitor e se deixa conquistar à medida em que a sua descodificação se faz pela conquista da escrita. A interação entre escrita e leitura recupera, então, as estratégias da sedução e as armadilhas da conquista. Domar a rebeldia textual e possuir o texto que se oferece como objeto sedutor são ações que passam pelas trilhas da conquista da terra de que falam os viajantes. Ainda aqui o texto traduz a terra e tenta corporificar uma identidade ao mesmo tempo em que revela a sua ligação com o original. Traduz (re) construindo, querendo afirmar (e não apagar) as marcas da terra (texto original) na criação tradutora.

O jogo entre o desejo de conquistar/ser conquistado e o ato mesmo da conquista estão presentes não somente na relação texto/leitor, mas ainda na trama de A casa verde. Fushia, ao recuperar pela memória, a sua história e o seu amor por Lalita, retoma a conquista da selva peruana e, por extensão, do continente americano. Por outro lado, a ligação de Anselmo e Antônia e a estória de Bonifácia são também episódios da história das relações entre colonizador e colonizado nas terras do Novo Mundo. O amor de Anselmo por Antônia expõe pontos bastante significativos, nesse sentido.

Vargas Llosa, ao relatar a construção da personagem Anselmo, confessa tê-la imaginado como a personificação do conquistador, como "o forasteiro que chega a uma cidade e a conquista"⁷. Anselmo conquista Piúra e impõe-lhe a rebeldia da casa verde, doma o areal inconstante e o faz aceitar a construção insólita - a floresta que brota da areia. Ao mesmo tempo em que se apoia da terra impondo-lhe a sua forma de aer, rouba Antônia e a enclaustra no espaço selvático da casa verde. Tanto a mudez de Antônia, quanto o seu enclausuramento são símbolos da ação colonizadora e, por inversão, da identidade da terra conquistada. Antônia cega, muda, é presa de Anselmo e entrega-se a ele sem luta, seduzindo-o com seu "sr dócil que comovia a todos" (p. 177). A passividade de Antônia remete à descrição dos habitantes do Novo Mundo de que fala Tzvetan Todorov, quando cita as palavras de Colombo sobre os índios: "'Ce sont les meilleurs gens du monde et les plus paisibles'"⁸.

Todavia, no corpo de Antônia, as marcas da perversa conquista - os olhos e a língua arrancados - assumem uma simbologia ampla que nos permite aproximá-la de Bonifácia e de Jum.

Em Bonifácia, os traços da rebeldia não estão como

em Jum ou em Antônia associados a mutilações físicas. Em Jum as feridas, as torturas, visam a dobrá-lo, a descaracterizá-lo enquanto urakusa. Já em Antônia as marcas da violência transformam-na num objeto de contemplação imóvel, que não reage nunca.⁹ No corpo de Jum, porém, a escrita da violência expõe a sua indocilidade, a não submissão. E Bonifácia, como Jum, seu pai, resiste também à descaracterização imposta pelo dominador. Aprisionada como selvagem, catequizada pelas madres, ela é a um só tempo dócil e agressiva. Aprisionada no código linguístico das Missões, Bonifácia, no entanto, libera a fala da sua origem e comunica-se com as pagãzinhas. O relato do encontro, nas Missões, de Bonifácia com as selvagens é marcado de intensa afetividade. Já catequizada, expressando-se em língua cristã, Bonifácia interage com as pagãs, falando-lhes na língua de origem, manipulando sons que significam no código linguístico da língua materna das selvagens. Ela "grunhe" e "grasna"¹⁰ os sons articulados que comunicam e criam uma conexão entre ela e as meninas. Paradoxalmente, Bonifácia não rejeita, como Jum, a língua cristã. "Mas eu não sou como elas, Madres" (p. 59). Dizendo-se diferente das pagãs, saída da escuridão, civilizada, Bonifácia, todavia, acaba por cunhar no espaço da língua cristã frestas por onde se infiltra a língua materna, o falar selvagem rejeitado¹¹. Bonifácia, mais do que Jum subverte a ordem porque luta no seu interior, não assumindo o apagamento da sua origem e recuperando os traços marcantes de sua individualidade. Tanto nas Missões, quanto com Lituma ou na casa verde, Bonifácia resiste ao olhar do conquistador — de que as madres e Lituma são reproduções — reafirmando, constantemente, a luta à perda de seu sistema de referências original. É pela expressão rebelde do seu eu que Bonifácia incorpora os traços da identidade da terra conquistada, opondo-se a Antônia enclausurada em seu próprio corpo, enclausurada na torre da casa verde e, mais especificamente, na fantasia de Anselmo. Objeto de sedução e de desejo, Antônia não oferece resistência à ação dominadora, ao passo que Bonifácia, não se deixando moldar, rejeita a sua aniquilação pelo olhar-fala-poder do Outro ou a substituição de sua imagem pela do dominador. Dessa forma Bonifácia resguarda com sua rebeldia a sua origem selvagem, indomável conforme observa, no romance, Madre Angélica, nas Missões: "Sua alma continua pagã, ainda que você fale como cristão e já não ande nua." (p. 40).

Pode-se afirmar ainda que no percurso entre as Missões e a casa verde produzem-se tanto o discurso da ordem, da lei, quanto a fala desconcertante dos selvagens. No âmbito da casa verde, a língua pagã, língua oprimida "reterritorializa-se em sentido"¹², guinchos e grunhidos, comunicam e a casa, ainda que concretize uma ação dominadora, como já assinalei, instala-se como o espaço da expressão da terra conquistada. A língua cristã interdita nesse espaço deixa de ser lei. Bonifácia selvática paganiza-se, Lituma despe-se da farda e expõe-se em sua fragilidade. O discurso da casa verde tem, portanto, um valor coletivo e transforma-se na expressão de um espaço marginal, no dialeto que intercepta o discurso da ordem, impondo-lhe a fala da contestação, do desacerto e aponta para a ruptura com a ordem das coisas.

Até aqui procurei delinear duas propostas de leitura de A casa verde relacionadas com a questão da conquista da terra. Uma procura explicitar no romance formas de sedução e de conquista, a partir não somente da interação do texto com seus leitores, mas ainda da análise de determinadas personagens. Outra, procurando tomar o texto como a tradução de um referente social, historicamente definido, busca explicitar a sua intencionalidade política.

Penso, agora, retomando a questão da tradução, ser possível relacionar o sentido manifesto do texto com o plano orientador que subjaz a sua superfície sintagmática. Tal plano aparece como uma planta-baixa e só é apreensível por determinação do tipo de leitor que ausculta a escrita e apreende o sentido aparente como a tradução de uma intencionalidade resguardada. A leitura do romance, trazendo à superfície a organicidade do plano, castra-lhe o caos aparente e cede lugar a uma estrutura controlada que exterioriza algumas evidências: a divisão em quatro partes que se estruturam uniformemente; a subdivisão das quatro partes em cinco subpartes, com exceção da quarta que se subdivide em três; o início de todas as partes com um relato introdutório, espécie de preâmbulo, que tem como espaço geográfico Santa Maria de Nieva; a sequência uniforme de espaços em cada subparte em que as histórias contadas guardam uma certa uniformidade - a trajetória de Fushia, por exemplo, é contada em cada segundo relato de cada subparte, sem sequência cronológica, no entanto. A fragmentação do texto, portanto, responderia um plano regulador que controlaria, de certa forma,

a sua recepção. Desejo inconsciente de controlar a rebeldia do texto e de resguardar um sentido original, um núcleo imutável?

Essa questão me parece possível quando se consideram as afirmações do autor Vargas Llosa contidas em A história secreta de um romance. O texto originalmente escrito em inglês, destinou-se a uma platéia norte-americana e teve como principal objetivo invadir a intimidade do romance ou, conforme as palavras do autor peruano, desnudar a sua própria intimidade, falando do romance¹³.

Tenho afirmado, neste artigo, que a existência de uma planta-baixa do romance A casa verde poderia ser tomada como a tradução do desejo do autor de assegurar um compromisso com uma origem, com um centro. Embora a construção do romance desarticule a idéia de um saber centrado num só sujeito, dono da palavra, o plano condutor acabaria por inscrever, na rebeldia do texto, a marca indelével de um pai.

As afirmações de Vargas Llosa em A história secreta de um romance funcionariam de certa forma como uma retomada da preocupação com a origem do romance, fazendo com que esse apareça como tradução de um texto que, existindo em princípio apenas na intencionalidade que produziu o romance, veio se explicitar na conferência lida em 11 de dezembro de 1968, na Washington State University. A intenção do autor, na conferência, é clara e me permite considerar que Vargas Llosa quis marcar na recepção do romance a sua relação não só com suas vivências pessoais, mas também com fatos e experiências ocorridos em espaços e tempos claramente determinados. Não estou querendo dizer que as afirmações de Vargas Llosa iriam calcar no romance um direcionamento que passe tão somente por sua biografia. O que quero observar é que a conferência, destinando-se a um público estrangeiro, assume o controle da recepção do romance, impondo-lhe um compromisso com o contexto sócio-cultural que o produziu. Afastam-se, assim, as apreensões do texto sob a óptica do fantástico, do maravilhoso, do impossível, do exótico, que acabam por inscrevê-lo num espaço em que a transgressão é permitida e, por isso mesmo, controlável.

Se num determinado momento afirmel que A casa verde poderia ser tomada como tradução de determinado contexto que estaria resguardado na organicidade de um plano condutor, penso agora que A história secreta de um romance reexpressaria o desejo de recuperar a origem, um núcleo onde se instalaria um

sentido primeiro. Todavia, Vargas Llosa, ao redigir A história secreta de um romance, já estaria funcionando como tradutor de um texto não exteriorizado, constituído das vivências e experiências ocorridas em períodos e circunstâncias recuperados num momento posterior. Seguindo esse raciocínio permitido pelos escritos freudianos sobre a tradução¹⁴, poder-se-ia tomar A casa verde não apenas como tradução, mas como tradução de tradução, que se constitui, portanto, em texto independente ou como fuga ou desvio da intencionalidade do autor. O romance, ao ser produzido, ganha identidade própria e acaba por desarticular o pacto entre um original e sua(s) transformação(ões). Não é este o dilema do original que se quer intraduzível, irrecuperável, texto único e o da tradução que pretende cortar os liames com uma origem que a desconcerta e aprisiona?

A relação entre texto original e tradução passa, portanto, por questões bem mais abrangentes do que o que o sentido corriqueiro do ato de traduzir¹⁵, levando em consideração, quase sempre, o percurso interlingual. No nível intralingual, no interior de uma mesma língua, a questão pode passar pela apropriação de um texto pela paráfrase ou pela reformulação (rewording)¹⁶, mas ainda avaliar a relação entre o vivido e o narrado quaisquer que sejam as formas de produção e os projetos que as viabilizem. Nessa direção tanto a relação entre leitura e escrita, quanto a questão da intencionalidade do texto construído passam pela problemática da origem, pela busca de um lugar determinado que, em última instância, estaria resguardado da constatação de que nada é fixo, pronto, acabado; é no percurso, na transitividade, na mudança que os sentidos se constroem sem fixidez, sem última palavra.

O encaminhamento que procurei dar à questão da tradução por certo deixa de lado o fato de se considerar a tradução — qualquer que seja a sua espécie — como um texto menor, degradado, incapaz de assumir o original sem perdas. Não me detive nesse tipo de problemas, porque passei por outros caminhos. Na verdade quando considerei o romance A casa verde como tradução sem me preocupar com a relação entre o texto em português e o original em espanhol e, sim, com os projetos que viabilizaram a sua produção, pretendi considerá-lo tradução numa acepção próxima à de verbalização¹⁷, afloração do sentido latente da psique individual ou coletiva.

Tal como Jum e Antônia, o romance A casa verde tra -

duz, nas feridas da sua escrita, a história do continente americano. Recuperando a fala e a rebeldia de Bonifácia, o romance libera o percurso dos grunhidos significantes que constroem a história do ponto de vista da terra colonizada, a partir da percepção de mundo que os povos conquistados têm de si mesmos.

NOTAS

- 1 LLOSA, Mario Vargas. A casa verde - seguida de A história secreta de um romance. 4.ed. Trad. Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979. Todas as citações do livro serão feitas a partir desta edição, indicando-se o número da página entre parênteses.
- 2 DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. Kafka - por uma literatura menor. Trad. Julio Castañon Guimaraes. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1977. p. 25-6.
- 3 Estou tomando o termo tradução mais no sentido de leitura do que na acepção corriqueira do termo como quer Geir Campos, quando diz: "E traduzir nada mais é que isto: fazer passar de uma língua para outra, um texto escrito, na primeira delas" (CAMPOS, Geir. O que é tradução. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 7).
- 4 CARPENTIER, Alejo. El reino de este mundo. Montevideu, Arca, 1968.
- 5 SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso sul americano. In:—. Uma literatura nos trópicos. São Paulo, Perspectiva. p. 11-28.
- 6 GIBEAULT, Alin et alii. Le thème du double. In:—. Les pulsions - amour et faim, vie et mort. Malesherbes, Tchou, 1980. p. 119.
- 7 LLOSA, Vargas. A história secreta de um romance. In:—. A casa verde. p. 383-4.
- 8 TODOROV, Tzvetan. La conquête de l'Amérique, la question de l'autre. Paris, Seuil, 1982. p. 42.
- 9 LLOSA, Vargas. A casa verde. p. 309.
- 10 LLOSA, Vargas. Op. cit. p. 59.
- 11 As considerações que faço sobre a especificidade da língua materna e seu valor social passam pelas reflexões de Jean Didier Urbain. URBAIN, Jean Didier. La langue maternelle, part maudite de la linguistique? In:—. Langue française. Langue maternelle et communauté linguistique. 54, mai. 1982. Paris, Larousse. p. 7-28.

- 12 DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. Op. cit. p. 25-41.
- 13 LLOSA, Vargas. p. 361.
- 14 MAHONY, Patrick. Vers une compréhension de la traduction en psychanalyse. In:—. Écrit du temps. La décision de traduire: l'exemple Freud. Paris, Minuit, 1984. p. 31.
- 15 O texto de Geir Campos, citado na nota 3, considera a tradução apenas no aspecto interlingual. É um texto atual que peca, no entanto, pelo desconhecimento de colocações que problematizam o conceito e a prática da tradução.
- 16 JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. Trad.de Izidoro Blickstein e José Paulo Paes. 5.ed. São Paulo, Cultrix, s.d. p.64-5.
- 17 MAHONY, Patrick. Op. cit. p. 34.